

GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A ATUAÇÃO DOCENTE EM UM CONTEXTO DE DESIGUALDADES

GENDER IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND TEACHER PERFORMANCE IN A CONTEXT OF INEQUALITIES

EL GÉNERO EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR Y LA ACTUACIÓN DEL PROFESORADO EN UN CONTEXTO DE DESIGUALDADES

LOPES, Carolina¹

PRAXEDES, Jomilto²

Resumo

O conceito de gênero indica uma construção cultural e histórica, apesar das desigualdades muitas vezes serem justificadas por uma perspectiva biológica e naturalizada. Desigualdades de gênero perpetuam-se em diversas esferas da vida social e a escola é uma delas. Justificativa essa que é usada muitas vezes nas aulas de Educação Física para legitimar a separação entre meninos e meninas. O objetivo deste trabalho é identificar como professores de Educação Física atuam no contexto das diferenças de gênero em sua prática docente e de que forma contribuem para que essas desigualdades sejam perpetuadas ou desconstruídas. Por meio de uma revisão de literatura, foram analisados estudos que abordassem as relações de gênero na Educação Física escolar. A atribuição de papéis de gênero ocorre desde a infância a partir de expectativas e direcionamento de comportamentos distintos entre meninos e meninas e a escola ainda mantém uma cultura de desigualdade de gênero. Foi observado que a atuação docente é fator determinante no comportamento e participação dos alunos nas aulas e que meninos e meninas ainda participam das

1 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4308-0708>. e-mail: carolinalopes.cls@gmail.com

2 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ / Laboratório de Ciência do Movimento e Comportamento Humano – LaCiMCoH. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0266-5148>. e-mail: jomiltopraxedes@yahoo.com.br

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.82904

aulas de Educação Física de forma desigual. Para quebrar esse ciclo, é importante pensar uma prática pedagógica mais democrática e plural, desconstruindo padrões engessados e perpetuados historicamente na sociedade.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Gênero; Educação Infantil; Desigualdades de gênero; Escola

Abstract

The concept of gender indicates a cultural and historical construction, despite the fact that inequalities are often justified by a biological and naturalized perspective. Gender inequalities are perpetuated in several spheres of social life and school is one of them. This justification is often used in Physical Education classes to legitimize the separation between boys and girls. The aim of this study is to identify how Physical Education teachers act in the context of gender differences in their teaching practice and how they contribute to perpetuating or deconstructing these inequalities. Through a literature review, were analyzed studies that addressed gender relations in school Physical Education. The attribution of gender roles occurs from childhood onwards, based on expectations and the direction of different behaviors between boys and girls, and the school still maintains a culture of gender inequality. It was observed that teacher performance is a determining factor in student's behavior and participation in classes and that boys and girls still attend Physical Education classes unequally. In order to break this cycle, it is important to think about a more democratic and plural pedagogical practice, deconstructing patterns that have been historically perpetuated in society.

Keywords: School Physical Education; Gender; Early Childhood Education; Gender inequalities; School

Resumen

El concepto de género indica una construcción cultural e histórica, a pesar de que las desigualdades suelen justificarse desde una perspectiva biológica y naturalizada. Las desigualdades de género se perpetúan en diversas esferas de la vida social y la escuela es una de ellas. Esta justificación se utiliza a menudo en las clases de Educación Física para legitimar la separación entre niños y niñas. El objetivo de este estudio es identificar cómo los profesores de Educación Física actúan en el contexto de las diferencias de género en su práctica docente y cómo contribuyen a perpetuar o deconstruir estas desigualdades. A través de una revisión bibliográfica, se analizaron estudios que abordan las relaciones de género en la Educación Física escolar. La atribución de roles de género

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.82904

ocorre desde la infancia, a partir de las expectativas y dirección de comportamientos diferentes entre niños y niñas, y la escuela aún mantiene una cultura de desigualdad de género. Se observó que el desempeño docente es un factor determinante en el comportamiento y la participación de los alumnos en las clases y que niños y niñas siguen asistiendo de forma desigual a las clases de Educación Física. Para romper este ciclo, es importante pensar en una práctica pedagógica más democrática y plural, deconstruyendo patrones históricamente perpetuados en la sociedad.

Palabras-clave: Educación física escolar; Género; Educación infantil; Desigualdades de género; Escuela

Introdução

Abordar as relações entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física implica discutir a concepção de gênero. Gênero indica uma construção cultural e histórica, uma “criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75). Judith Butler (2011) afirma que o gênero é performativo, pois ninguém nasce com um gênero determinado, além de ser um fenômeno que é o tempo todo produzido e reproduzido.

O gênero “é um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 2). Expectativas em relação a cada gênero moldam nossa maneira de pensar e agir no mundo. Esses comportamentos ou condutas tidas como naturais ou desejáveis para uma mulher ou um homem são reproduzidos historicamente e denominam-se papéis de gênero (BRABO; DA SILVA, 2016, p. 131).

As desigualdades de gênero estão enraizadas em todas as esferas da vida (BRAH, 2006 apud MARIANO; ALTMANN, 2016, p. 413) e a escola é uma delas. A Educação Física escolar parece mostrar-se um campo em que essas diferenças entre meninos e meninas são acentuadas, além de ainda haver resistências ao trabalho mais integrado (sem separação por gênero), muito vinculadas à biologia e ao positivismo (SOUSA, ALTMANN, 1999).

Muitas vezes, a maneira diferente de lidar com meninos e meninas é justificada por uma perspectiva biológica e “diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico e legitimadoras de uma relação de dominação” (SOUSA, ALTMANN, 1999, p. 54). Isso acontece muitas vezes na escola, especialmente nas aulas de Educação Física, à medida que atributos como “corpo, gênero e idade atravessam e constituem os diferentes discursos que justificam a necessidade de separação na educação física escolar, a partir de um determinado ano-ciclo” (DORNELLES, 2012, p. 192).

Para não reproduzir padrões ou preconceitos na escola, é fundamental que os professores pensem em uma prática docente inclusiva, diversificada e que transmita a importância da Educação Física para a formação integral dos alunos. Portanto, é importante ampliar a atuação como professores pensando na construção de uma Educação Física atenta às questões de gênero e tantas outras no âmbito social e cultural, que perpassam a vida das crianças e adolescentes na escola e na vida.

O objetivo deste trabalho é, por meio de uma revisão de literatura, identificar como professores de Educação Física atuam no contexto das diferenças de gênero em sua prática docente e de que forma contribuem para que essas desigualdades sejam perpetuadas ou desconstruídas. O presente trabalho pretende analisar o papel dos professores nesse contexto tanto na pré-escola, quanto no ensino fundamental, já que as questões de gênero se manifestam ainda na infância (VIANNA; FINCO, 2009; BRABO; ORIANI, 2013).

Materiais e métodos

O presente estudo foi realizado por meio de uma revisão narrativa de literatura, portanto, foi feita busca eletrônica de artigos científicos completos, escritos em português, nas bases de dados Scielo e Periódicos Capes, utilizando os termos “gênero”, “educação física escolar”, “educação física”, “escola” e “educação infantil”.

Como critério de inclusão estabeleceu-se o acesso aos artigos na íntegra ou livros, que abordassem o conceito e estudos de gênero ou as relações de gênero na educação física escolar brasileira tendo em vista crianças de 4 a 12 anos (pré-escola e ensino fundamental). Como critério de exclusão, definiu-se artigos que falassem especificamente sobre o ensino médio ou que não estivessem disponibilizados na íntegra. Foram encontrados 25 artigos e, após a aplicação dos critérios, onze deles foram selecionados para o presente trabalho.

Todos falam sobre a Educação Física diante de uma perspectiva de gênero na escola, com exceção de dois artigos sobre a educação infantil. Porém, é feita uma aproximação com a Educação Física pelo fato de os trabalhos abordarem conceitos que se associam à área.

Resultados e discussão

No que tange aos resultados da pesquisa, foram selecionados os artigos a seguir: Altmann, Ayoub e Amaral (2011), Brabo e Da Silva (2016), Brabo e Oriani (2013), Dornelles (2012), Lins, Machado e Escoura (2016), Mariano e Altmann (2016), Santos e Brito (2023), Santos e Brito (2019), Sousa e Altmann (1999), Uchoga e Altmann (2016), Vianna e Finco (2009).

Para o recorte da questão de gênero mais direcionada à Educação Infantil e Ensino Fundamental, seis artigos dos onze foram analisados, três para cada segmento. Os trabalhos utilizaram como método a aplicação de formulários ou observação das aulas de professores. Os outros cinco artigos encontrados na busca foram referência conceitual no presente trabalho.

Contextualização: papéis de gênero na infância

O conceito de gênero surge à época da chamada segunda onda do movimento feminista – por volta dos anos 1960 – desmistificando a naturalização das desigualdades entre homens e mulheres. Surge, então, uma nova categoria de análise focada nas relações sociais entre os sexos e suas diferenças construídas socialmente. A intenção dos estudos de gênero é analisar o que é considerado masculino e feminino e ressaltar que são modelos históricos e sociais, e não biológicos. Masculinidade e feminilidade são construídas pela família, escola ou outras instituições sociais e vão sendo enraizadas diferenças de temperamento e comportamento consideradas naturais (BRUSCHINI, 1981 apud BRABO; DA SILVA, 2016, p. 129).

Além disso, Joan Scott conceitua gênero “como uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Historicamente, as relações sociais entre mulher e homem baseiam-se na dominação, na ideia de que um sexo é superior ao outro: “essas construções sociais tornam-se, equivocadamente, justificáveis e legítimas ao se basearem no determinismo biológico, hoje conhecido como essencialismo. É nessa perspectiva que a categoria de gênero é formada” (BRABO; DA SILVA, 2016, p. 130).

O que a naturalização das diferenças faz é determinar papéis específicos de acordo com o sexo de uma pessoa, legitimando relações de dominação. A partir disso, é atribuído um ideal de feminilidade que faz parte de uma suposta essência feminina que remete à passividade, sentimentalidade, dotada de traços e gestos delicados e com a sexualidade retraída, ao mesmo tempo em que há uma masculinidade que se apresenta racional, viril, livre de sentimentalidades e com a sexualidade aflorada (BRABO; DA SILVA, 2016, p. 130).

Essa construção social e atribuição de papéis de gênero não começa na vida adulta, mas vem sendo produzida desde a infância a partir de “distintas formas de educar os corpos de meninos e meninas” (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011, p. 493). Portanto, os “papéis são aprendidos e condicionados desde a infância, como se as crianças estivessem preparando-se para um destino já determinado” (BRABO; DA SILVA, 2016, p. 133).

Antes mesmo de nascer muitas vezes já são criadas expectativas a partir da descoberta do sexo de uma criança. Uma das primeiras dicotomias é o azul *versus* rosa que surge ainda no chamado chá revelação, fenômeno relativamente recente que traz grande peso na descoberta do

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.82904

sexo do bebê. Cria-se, então, modelos, desejos e papéis ideais para as crianças desde muito cedo, manifestados através de diversos mecanismos pela família, escola e demais instituições sociais.

Quais brinquedos as crianças vão ganhar, como elas podem brincar ou se comportar, a maneira de se vestir, tudo isso é determinado de acordo com papéis de gênero já condicionados:

Eles com carrinhos, dinossauros e soldados de brinquedo, preparando-se e assimilando-se à autonomia, à liderança e à agressividade; elas com miniaturas de utensílios domésticos, bonecas e pôneis, ajustando-se ao âmbito doméstico e resignado, à natureza, simulando a maternidade. (...) No que se refere às brincadeiras, Moreno (2003, p. 32) ressalta que as meninas têm “[...] liberdade para ser cozinheiras, cabelereiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras, etc., e os meninos são livres para ser índios, bandidos, policiais, [...] tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva. (BRABO; DA SILVA, 2016, p. 133).

Expectativas e reforços de comportamentos distintos entre meninos e meninas são direcionados desde cedo aos corpos de ambos, seja na família ou na escola e “desde suas primeiras experiências como discentes as crianças experienciam no ambiente escolar estratégias de controle voltadas para a normalização das expressões corporais” (UCHOGA; ALTMANN, 2016, p. 167). Isso é, muitas vezes, refletido nas aulas de Educação Física na escola com a separação entre meninos e meninas ou a vivência diferente de ambos em relação às práticas e conteúdos da disciplina.

Essa desigualdade ainda não foi superada, mesmo que as aulas não sejam mais legalmente separadas por sexo (UCHOGA; ALTMANN, 2016, p. 164), mas ainda há uma divisão justificada por concepções distintas em relação ao movimento corporal para meninos e meninas. Essas concepções de corpo e habilidades físicas são generalizadas e “colocam e consideram discursivamente as meninas como menos hábeis quando comparadas com os meninos” (UCHOGA; ALTMANN, 2016, p. 169).

Gênero e Educação Física na Educação Infantil

A Educação Infantil é a primeira etapa de escolarização das crianças e, mesmo ainda muito cedo, já há uma imposição de papéis de gênero, pois “são impostas e cobradas certas características e expressões das crianças, constitutivas de seu gênero, de acordo com seu sexo” (BRABO; DA SILVA, 2016, p. 128). Segundo Brabo e Da Silva, ainda que a família não aplique uma educação heteronormativa com suas crianças, a escola influencia nesse processo, pois “entende-se que a

construção binária das identidades de gênero dos indivíduos, no ambiente escolar, está presente desde a educação infantil.”

O comportamento que meninos e meninas desenvolvem desde a Educação Infantil é reproduzido no sentido de corresponder às expectativas em relação a masculinidades e feminilidades que são construídas social e historicamente. A educação dada às crianças é diferente de acordo com seu sexo e essas diferenças são sutis e aparentemente invisíveis na forma de lidar de familiares e professores. Nos pequenos gestos e práticas do cotidiano na educação infantil que vão se construindo formas de controle do corpo, marcações de gênero e reforço de características esperadas para cada sexo (VIANNA; FINCO, 2009).

Para a revisão, foram analisados três artigos que abordam especificamente a educação infantil e a questão de gênero a partir de observação de aulas na escola. Mariano e Altmann (2016) focam na Educação Física e como formas diferentes de ministrar as aulas influenciam no comportamento das crianças. Vianna e Finco (2009) abordam a Educação Infantil de forma mais geral, porém perpassam por conceitos como gestos, movimentos e posturas, viabilizando uma aproximação com a Educação Física. Brabo e Oriani (2013) partiram da observação de aulas de dois professores para fazer uma relação entre relações de gênero e práticas pedagógicas. Os três trabalhos abordam a naturalização de estereótipos de gênero na educação infantil e a importância da atuação docente em promover práticas pedagógicas não discriminatória desde a primeira infância. Quanto ao tipo de escola em que foram feitas as pesquisas, os três artigos estiveram em escolas públicas de municípios do estado de São Paulo (Campinas, Marília e São Paulo).

Mariano e Altmann (2016) observaram aulas de dois professores de Educação Física com crianças de 5 anos em dois Centros de Educação Infantil (CEI's) na periferia de Campinas, São Paulo. Observaram-se duas formas distintas de conduzir as aulas e a influência da atuação docente no comportamento, ações e organização das crianças. Na escola em que não eram divididas por sexo nas turmas e que as aulas eram mais espontâneas e livres, a relação entre as crianças, assim como seu comportamento, não era tão polarizada e havia maior interação entre meninos e meninas. Já no outro CEI, a divisão era constantemente feita pela professora e as crianças pareciam tê-la incorporado em sua organização social, naturalizando tal segregação.

Mesmo que não diretamente, a professora da segunda escola colocava em dúvida a capacidade das meninas em alcançar objetivos nas aulas, ao mesmo tempo que confiava nos meninos para tal, justificando suas ações através de uma perspectiva biológica de naturalização das diferenças. As autoras questionaram: a falta de interesse das meninas apontada pela professora não seria fruto de constante dúvida em relação à capacidade delas de terem êxito nas práticas corporais? Ao analisar a forma de se comunicar com as crianças, as atividades propostas e a atuação docente nesse contexto, o artigo concluiu que:

“A menor interferência na dinâmica das aulas possibilitava que as próprias crianças construíssem as relações entre elas, sem impor distinções e polarizações de gênero também no que se refere aos conhecimentos da Educação Física. (...) intervenções menos diretivas durante as aulas de Educação Física produziram relações de gênero menos hierarquizadas e menos desiguais, garantindo espaço e oportunidade para que as próprias crianças rompessem com fronteiras de gênero socialmente estabelecidas. (MARIANO; ALTMANN, 2016, p. 434)

No segundo artigo, Vianna e Finco (2009) analisam as relações de gênero e poder presentes na socialização de crianças pequenas a partir de relatos de professores e observação de suas ações em uma pré-escola de educação infantil de São Paulo. Apesar de não direcionar sua pesquisa diretamente para a Educação Física, é possível fazer uma correlação quando fala-se, por exemplo, que gestos, movimentos e posturas ganham destaque frente a padrões de conduta esperados socialmente. Uma professora entrevistada fala, inclusive, que “meninos são mais agitados com o corpo (...) são mais ativos, gostam de correr, pular”, enquanto as meninas são “meiguinhas, mais dóceis”. É relatado também que meninas não são incentivadas a participarem de campeonatos de futebol na escola.

As autoras trazem dois casos vistos como transgressão ao comportamento idealizado como normal para a sociedade, um menino que gosta de usar vestido de noiva e uma menina que usava tênis de dinossauro. Em ambos os casos, a professora relata que as outras crianças não viam problema algum, mas mostra em sua fala que tais comportamentos não seriam aceitáveis, pois tem internalizado um modelo ideal de comportamento para o masculino e o feminino, mesmo em crianças na educação infantil. O trabalho conclui que o modo como as crianças estão sendo educadas “pode contribuir para limitar suas iniciativas e suas aspirações, mas também para se tornarem mais completos” (VIANNA; FINCO, 2009, p. 281).

O último artigo analisado (BRABO; ORIANI, 2013) refletiu sobre masculinidade e feminilidade na educação infantil a partir da observação de aulas de uma professora e um professor para entender como e se as relações de gênero influenciavam nas práticas pedagógicas. As autoras ressaltam que a construção das identidades começa muito cedo a partir de brinquedos oferecidos às crianças e que as ações no processo de socialização não são neutras. Além disso, como no artigo anterior, este trabalho cita como as crianças são restringidas na escola quando seu comportamento não condiz com o esperado para determinado sexo.

A partir das observações e de entrevistas com os professores, diretora e coordenadora pedagógica, as autoras constataram que estereótipos de gênero parecem estar naturalizados no contexto da educação infantil. Aproximando o contexto da Educação Física, novamente a questão do movimento aparece como algo considerado natural de homens/meninos, o que fica claro na fala

da professora entrevistada, dizendo que homens têm mais facilidade de lidar com o movimento: (...) “e isso é enraizado desde pequeno pra gente né, homem tem mais liberdade nesse sentido e essa liberdade deles faz parte da Educação Infantil também” (BRABO; ORIANI, 2013, p. 153).

Os três artigos chegam a pontos em comum, um deles é que a forma como professores lidam com as crianças e como reproduzem (ou não) padrões de gênero socialmente construídos influencia no comportamento das crianças, mesmo ainda na primeira etapa da escolarização. A cultura de uma sociedade é transmitida às novas gerações a partir do processo de socialização, tendo como modelo o comportamento dos adultos e, dessa forma, se formam as estruturas básicas de personalidade das crianças, que persistem no decorrer de suas vidas.

Ensino Fundamental

O ensino fundamental é a etapa mais longa da escolarização, dividido em anos iniciais (1^o ao 5^o) e anos finais (6^o ao 9^o). Este trabalho pretendeu analisar a influência das questões de gênero na infância, portanto, foi feito um recorte até os 12 anos de idade. Logo, os dois anos finais do ensino fundamental não foram contemplados, pois é uma discussão que entraria na fase da adolescência e não é o foco do presente artigo.

Assim como na análise da Educação Infantil, três artigos fizeram parte da revisão para o enfoque da questão de gênero no Ensino Fundamental. Uchoga e Altmann (2013) observaram aulas de Educação Física em três séries distintas para investigar o envolvimento de meninos e meninas. Altmann, Ayoub e Amaral (2011) disponibilizaram um questionário para professores a fim de entender a relação entre gênero e a prática docente. Dornelles (2012), também a partir de questionários para professores, problematiza a separação das aulas de Educação Física por gênero. Os três artigos falam especificamente das aulas de Educação Física e abordam a separação das aulas entre meninos e meninas e o que professores usam como justificativa para tal, ou como se comportam diante de formas diferentes de participação nas aulas. Os trabalhos mostram que ainda há uma cultura de separação nas aulas de Educação Física que é justificada por professores, muitas vezes, através de concepções limitadas e estereótipos de gênero.

No primeiro artigo analisado, Uchoga e Altmann (2013) observaram aulas de Educação Física da 5^a, 6^a e 7^a série em duas escolas da rede estadual na região de Campinas. Foi constatado que meninos e meninas se envolvem de forma diferente nas aulas de Educação Física, seja em relação à confiança em suas próprias habilidades ou em arriscar-se em aprendizados corporais novos. Os meninos se envolviam e se arriscavam mais, comparados às meninas. As autoras ressaltam que, embora não mais amparada por lei, ainda ocorre uma separação entre meninos e meninas nas aulas “a partir de concepções generalizadas de corpo e habilidades físicas, que

colocam e consideram discursivamente as meninas como menos hábeis quando comparadas com os meninos” (UCHOGA; ALTMANN, 2013, p. 169).

Sobre a atuação docente, o artigo demonstra que, apesar de alguns professores criarem regras que garantissem a participação de todos, algumas meninas ainda resistiam a algumas atividades, começando a fazer e abandonando no meio, por exemplo. Em um dos casos, em que os alunos realizavam tipos de saltos do atletismo, os meninos saltaram mais vezes e se arriscavam mais em tentar outras formas de saltar, enquanto as meninas faziam uma ou duas tentativas. As autoras ressaltaram que não houve uma percepção do professor quanto às meninas saltarem apenas um número mínimo de vezes nem um estímulo para que saltassem de outras maneiras.

Em outro trabalho, Altmann, Ayoub e Amaral (2011) problematizam como o gênero perpassa a prática docente a partir de respostas de professores de Educação Física de escolas públicas da região de Campinas a um questionário sobre como eles percebiam as relações de gênero nas aulas. O artigo aborda planejamento, metodologia e diversificação de conteúdos, enfatizando a responsabilidade do docente pelo interesse e envolvimento dos alunos. As autoras ressaltam a importância de pensar a diversidade não como um problema, pois dessa maneira corre-se o risco de reproduzir a intolerância e o preconceito. “Perceber e enfrentar os conflitos que surgem, assim como aqueles velados ou disfarçados, consiste num importante desafio da educação” (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011, p. 499).

Conclui-se que não há um consenso entre os professores de Educação Física da pesquisa em relação às questões de gênero, pois alguns defendem as vantagens e importância de trabalhar com turmas mistas, enquanto outros sustentam a ideia da separação, usando como justificativa uma possível redução de conflitos oriundos da diversidade das relações. O artigo enfatiza a importância do trabalho coeducativo com meninos e meninas nas aulas de Educação Física, pois através dele é possível “problematizar concepções estereotipadas do feminino e do masculino, presentes entre docentes e discentes, mostrando que nem todos os meninos se identificam com esportes e jogos coletivos e que meninas também sabem e gostam de jogar (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011, p. 499).

Resultante de uma pesquisa de mestrado, o artigo de Dornelles (2012) utiliza questionários para entrevistar dez professores do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Porto Alegre que separassem os alunos por sexo em suas aulas para problematizar a questão de gênero nas aulas de Educação Física. A autora notou que a justificativa tomada como referência para a separação das aulas é a idade e que os docentes apontam a necessidade dessa separação já a partir dos 9 anos de idade. Parece, segundo a autora, que há um momento na trajetória escolar em que “corpos diferenciam-se, repelem-se, separam-se; masculinidades e feminilidades emergem, e uma suposta referência de idade os identifica” (DORNELLES, 2012, p.194).

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.82904

O artigo demonstra um discurso – por parte dos docentes – de que nas aulas em que meninos e meninas estão juntos um atrasaria o outro e é preciso separar pois, principalmente a partir de uma certa idade, os meninos são mais corajosos e respondem melhor aos treinamentos. Tais argumentos se firmam a partir de uma lógica do masculino como regra, padrão, ou seja, como representação ideal de aluno/a nessa disciplina. A autora conclui que o gênero, no contexto da separação na Educação Física escolar é “determinante nas relações de poder que se estabelecem entre meninos e meninas. Não é de se estranhar que, em alguns formatos de separação, os meninos estejam nas quadras e as meninas ocupem outros espaços.” (DORNELLES, 2012, p. 195).

A partir das conclusões dos trabalhos analisados, é possível observar que a escola ainda mantém uma cultura de desigualdade de gênero e a Educação Física não está isenta desse padrão. Tanto na educação infantil como no ensino fundamental, observou-se que a escola e os professores influenciam o comportamento e a participação de alunos e alunas nas aulas. Pequenos gestos, formas de falar e incentivar meninos e meninas diferentemente são justificadas por uma perspectiva biológica, dando continuidade ao ciclo da desigualdade, enquanto deveria ser tratado como aspecto social e cultural e, portanto, passível de mudança (BRABO; ORIANI, 2013, p. 153).

Nesta perspectiva, trabalhar para que as relações sociais de gênero desde a Educação Infantil sejam pautadas no respeito, na ideia de que o/a outro/a é sujeito de direitos é essencial para que se forme cidadãos que compreendem e respeitam as diferenças. (BRABO; ORIANI, 2013, p. 153)

Um dos caminhos para que os professores contribuam de forma assertiva no cenário das desigualdades de gênero é uma Educação Física pautada na desconstrução dos padrões de gênero, aproveitando a escola como campo rico em diferenças que podem ser valorizadas e utilizadas de forma positiva, contribuindo, portanto,

para a problematização, tensionamento e desestabilização das questões normativas de gênero, assim como da masculinidade tóxica/hegemônica em seus espaços educativos, por meio de práticas pedagógicas dialógicas, democráticas, igualitárias e que reconheçam as diferenças como riqueza pedagógica (SANTOS, BRITO; 2023, p. 17).

Santos e Brito (2023), a partir de uma pesquisa da primeira autora feita em 2011 com alunos do 5º ano do ensino fundamental e seu professor em uma escola municipal do bairro de Campo Grande, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, também identificam as diferenças no comportamento de meninos e meninas tanto na Educação Física, quanto na ocupação de espaços e brincadeiras livres na escola. É ressaltada a importância de um trabalho pedagógico sobre as diferenças na escola focado nas questões de gênero, trazendo a perspectiva da educação intercultural crítica como uma possibilidade para construir práticas pedagógicas “igualitárias, plurais

e questionadoras de um modelo único e engessado que concebe o padrão eurocêntrico, branco, heterossexual e masculino como legítimo” (SANTOS, BRITO; 2023, p. 14).

Em outro artigo, um caminho para a superação das desigualdades de gênero é apontado pelos mesmos autores através da educação em direitos humanos, visando construir “uma sociedade inclusiva, igualitária e plural onde os sujeitos vivenciem experiências que sejam permeadas pelos direitos humanos” (SANTOS, BRITO; 2019, p. 11). A educação em direitos humanos é concebida por Santos e Brito como um espaço de problematização e subversão das desigualdades, além de formar sujeitos conscientes de seus direitos a partir da oportunidade de experiências pedagógicas múltiplas no espaço escolar.

Considerações finais

Diante dos achados dos estudos analisados, foi possível identificar que a atuação dos professores no contexto das diferenças de gênero é determinante na forma como os alunos se comportam nas aulas. Além disso, muitos professores ainda contribuem para a continuação de um ciclo de desigualdades ao justificar a separação nas turmas através da naturalização das diferenças, em vez de encarar o conceito de gênero como uma construção social e problematizar sua prática pedagógica baseada nisso.

É importante ressaltar que dentre os trabalhos utilizados neste estudo, o mais recente foi publicado há 7 anos e o mais antigo, há 14 anos. Portanto, é interessante que a pesquisa seja feita com estudos mais recentes e que continue se estudando as relações de gênero na escola e na Educação Física escolar nos dias de hoje. Todas as escolas citadas nos estudos são da rede pública e a maioria delas fica no estado de São Paulo. É relevante fazer essa pesquisa também em escolas particulares e em diversas regiões do país para observar o que seria encontrado em comum ou não nos resultados.

Como uma sugestão para estudos futuros, é relevante que pesquisas de campo sejam realizadas para que a relação entre gênero e Educação Física escolar esteja presente nos debates da área. No presente trabalho, por ser uma revisão de literatura, não foi possível realizar esse tipo de pesquisa, apesar de, mesmo com essa barreira em relação ao tipo de estudo, dar luz a uma discussão importante no cenário da Educação Física Escolar.

Os achados enfatizam ser essencial que a Educação Física no âmbito da escola aborde as questões de gênero de maneira a quebrar o ciclo das desigualdades, oportunizando uma educação mais plural e democrática para meninos e meninas, pensando em questões que vão desde a sua organização em aula, a forma de falar com os alunos, até os conteúdos e as práticas corporais vivenciadas durante as aulas.

Portanto, entende-se que docentes têm grande responsabilidade no que diz respeito ao contexto das múltiplas diferenças e desigualdades na Educação Física escolar. Os estudos apontam que alguns optam por perpetuar esse ciclo de desigualdades e justificar suas ações baseadas em argumentos engessados e naturalizados na sociedade. Porém, para uma Educação Física mais crítica, inclusiva e plural, é fundamental abordar as questões de gênero nas aulas, buscando uma prática pedagógica mais condizente com a realidade social dos dias atuais, em que o debate e conhecimento sobre o tema vem avançando cada vez mais.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.82904

Referências

- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”?. *Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 491-501, 2011.
- BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; DA SILVA, Matheus Estevão Ferreira. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?. *Revista Trama Interdisciplinar*, v. 7, n. 3, 2016.
- BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; ORIANI, Valéria Pall. Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil. *Educação. UNISINOS*, p. 145-154, 2013.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DORNELLES, Priscila Gomes. Do corpo que distingue meninos e meninas na Educação Física Escolar. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 32, n. 87, p. 187-197, 2012.
- LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.
- MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?. *Cadernos pagu*, p. 411-438, 2016.
- SANTOS, Ana Paula da Silva; BRITO, Leandro Teófilo de. Diálogos com as masculinidades por meio da perspectiva intercultural e da coeducação na educação física escolar. *e-Mosaicos*, v. 12, n. 29, p. 74987, 2023.
- SANTOS, Ana Paula da Silva; BRITO, Leandro Teófilo de. Educação em direitos humanos e as questões de gênero na escola. *e-Mosaicos*, v. 8, n. 18, p. 3-16, 2019.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, 1995.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, no 48, 1999.
- UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 38, p. 163-170, 2016.



Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ)
V. 13 - N. 32- Julho-Dezembro de 2024 - ISSN 2316-9303

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2024.82904

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos pagu*, p. 265-283, 2009.

Recebido em 19 de março de 2024

Aceito em 01 de julho de 2024



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.